

Bruno Viveiros Martins

A canção amiga nas ruas da cidade

O Clube da Esquina, por meio de suas canções, trouxe de volta ao cenário de sua época valores como o espírito associativo e a defesa do bem comum, princípios da relação de amizade, experiência essencial para a reinvenção do mundo público e a busca do bem-estar na cidade.

Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças
Carlos Drummond de Andrade

> Entre os anos 1960 e 1970, a cidade de Belo Horizonte foi o ponto de encontro de jovens compositores que surpreenderam o país, trazendo à cena artística brasileira novos caminhos para a moderna canção popular. O Clube da Esquina, nome com o qual o grupo de amigos passou a ser conhecido, foi congregado em torno da figura de Milton Nascimento e contou com a participação de Márcio Borges, Fernando Brant, Wagner Tiso, Ronaldo Bastos, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Tavinho Moura, Murilo Antunes, Nelson Ângelo, Novelli, Tavito, Nivaldo Ornelas, Robertinho Silva, entre outros.

Mais que ponto de encontros, a cidade desde a Antiguidade tem seu sentido original ligado à existência de um lugar autônomo, independente e duradouro que abrigaria homens livres e dispostos a se encontrar a qualquer hora para deliberar sobre as questões políticas e sociais. Espaço onde o ambiente arquitetônico de natureza pública poderia abrigar uma comunidade política fundada a partir de um *ethos* cívico, onde os cidadãos seriam capazes de desenvolver o exercício da virtude e da liberdade. Contudo, na Modernidade, as cidades vêm se transformando em simples “unidades atomísticas destituídas de qualquer tradição, projeto e destino comuns”.¹ Crise que ameaça o mundo público e se propaga a partir da crescente individualização dos sujeitos. Estes, por sua vez, se sentem cada vez menos responsáveis pela construção comum da cidade.

Belo Horizonte: uma “esquina musical”

A partir do ângulo de visão dos compositores do Clube da Esquina, a cidade – ao contrário do processo de

despolitização do mundo público que a reduziu a um mero espaço físico onde seus habitantes lutam pela realização de interesses particulares e desejos privados – passou a ser cantada, vivida e imaginada como o lugar de realização plena da humanidade. Esse outro olhar, dotado de uma dimensão ética e política, assim como a obra coletiva construída pelo grupo, nasceu do encontro e da amizade entre os integrantes nos espaços de sociabilidade urbana, lugar da troca de idéias e experiências, do diálogo e do respeito ao bem comum.

Juntos, os compositores do Clube da Esquina criaram uma nova musicalidade estruturada a partir da fusão de diversas tendências aparentemente irreconciliáveis. Enquanto alguns de seus integrantes, por influência dos Beatles, recorriam às guitarras em distorção com timbres muito próximos aos do rock, outros, por sua vez, trouxeram a vocalização improvisada e o uso de harmonizações mais livres recorrentes nas novas tendências do jazz feito à época. A harmonia dissonante, característica da bossa nova, é incorporada na mesma medida que os elementos sonoros tradicionais do interior mineiro. O diálogo com a canção da América hispânica se fez presente através do contato com nomes como Mercedes Sosa, entre outros. Os arranjos do grupo não são apenas comentários da melodia. Ao contrário, eles constroem ambientações experimentais que trazem ressonâncias da arte barroca com fortes traços do congado e da cultura negra.²

A multiplicidade sonora e a diversidade cultural, características presentes na trajetória do grupo, são resultantes da energia coletiva e do espírito gregário, responsáveis por grande parte do desenvolvimento artístico e pela originalidade que marcou a trajetória do Clube da Esquina durante a década de 1970. Lançado em 1972, o álbum duplo *Clube da Esquina*, devido a sua ousadia musical, variedade rítmica e experimentação ainda incomuns na canção popular então realizada, foi reconhecido pela crítica

especializada como um marco divisor na produção fonográfica brasileira do século XX. O disco foi concebido como uma obra conjunta, possuindo uma unidade conceitual, à maneira dos discos *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, produzido pelos Beatles em 1967, e *Tommy*, ópera-rock do grupo inglês The Who, de 1969. O LP contou com a participação maciça de todos os músicos reunidos por Milton Nascimento até então e é considerado a consolidação das inovações musicais criadas pelo grupo.³

Essa organicidade se tornou uma espécie de marca registrada dos discos produzidos pelo Clube da Esquina. Muitos deles mantêm certas correspondências por meio de artifícios capazes de costurar idéias e valores propostos ao longo da carreira dos compositores. O disco *Minas*, de 1975, por exemplo, é encerrado com a canção “Simples”, composta por Nelson Ângelo. O último acorde de Lá maior efetuado por vários dos instrumentos utilizados no arranjo dessa canção é exatamente o mesmo que, no ano seguinte, abriria o álbum *Geraes*, com a canção “Fazenda”, faixa inicial de autoria do mesmo compositor. Ou seja, as duas canções gravadas em discos diferentes estão interligadas pelo mesmo acorde, propondo, assim, uma unidade entre os trabalhos. Os dois discos reunidos carregam o nome do lugar de origem da maioria dos integrantes do grupo: *Minas* e *Geraes*.⁴

Já o disco duplo *Clube da Esquina II* (1978), além do nome, liga-se ao primeiro *Clube da Esquina* (1972) por meio de intertextualidades poéticas e citações musicais. Ademais, possuem temas comuns em seus projetos gráficos, como a disposição das fotos internas que compõem os encartes. Nos dois álbuns, o painel montado a partir dessas fotos – tanto dos músicos envolvidos nas gravações quanto de pessoas anônimas que colaboraram de alguma forma com a produção – nos traz a idéia de uma obra coletiva, resultante do envolvimento e da participação de várias pessoas.

Segundo Fernando Brant, Belo Horizonte foi o cenário ideal para o encontro que possibilitou a amizade entre os personagens que viriam a fazer parte do Clube da Esquina. A cidade foi o palco propício para a gestação da obra musical produzida por eles:

Essa é uma cidade de música, como é de política e poesia. Há um som que vem da história colonial de Minas, que se junta ao cântico das festas religiosas, que se une aos cantos de trabalho e aos ruídos do mundo. Brotam aqui fontes cristalinas em forma de canção. Há uma nascente sonora contínua que desponta a cada interiorano que surge no horizonte, a cada jovem que nasce aqui, a cada um que adota a capital como morada. Palavra, melodia e voz se harmonizam e são rios que se alimentam, criações que convergem para alegrar e explicar a vida.⁵

Contudo, nem todos os compositores que integraram o Clube da Esquina residiam em Belo Horizonte durante o período. O deslocamento para o Rio de Janeiro e São Paulo – os grandes centros econômicos que abrigavam um circuito cultural mais intenso, e onde, por exemplo, estão sediadas as grandes gravadoras, além das casas de espetáculos mais importantes da época – era um movimento natural para a maioria dos artistas oriundos do restante do país. Milton Nascimento, antes mesmo do sucesso de “Travessia”, em 1967, já havia deixado Belo Horizonte em busca de oportunidades que a cidade não poderia mais lhe proporcionar. A capital mineira, contudo, não deixou de ser menos importante para o compositor, uma vez que o trabalho coletivo presente em seus discos era realizado em parceria com aqueles que permaneceram na cidade. A amizade que dava luz às parcerias continuava viva.

Uma cidade em transformação

Em Belo Horizonte, a partir da década de 1960, além das canções do Clube da Esquina, também ganharam

destaque o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), o Teatro Experimental e o Teatro Universitário, além do *Binômio* – jornal de oposição em circulação desde a década de 1950. Na cidade, por essa época, havia também lugar para o balé de Klauss Vianna, o grupo Giramundo, o Centro Popular de Cultura (CPC) vinculado à União Nacional dos Estudantes (UNE) – que teve como um de seus representantes o poeta Affonso Romano de Sant’Anna – e a Livraria Itatiaia, um dos pontos de encontro de intelectuais e artistas. A capital mineira contava com o traço rebelde do cartunista Henfil em início de carreira; a atuação do movimento estudantil nas universidades e em escolas secundárias como o Colégio Estadual Central; as ações de organizações de esquerda, principalmente a Ação Popular (AP).⁶

Nesse período, Belo Horizonte passou por uma série de transformações econômicas, políticas e culturais decisivas em seu processo de modernização. Desde a fundação da cidade, a dicotomia entre o antigo e o novo, o arcaico e o moderno fez parte de sua história. Entre demolições e reconstruções, cada novo ímpeto renovador que estimulava a disposição de seus moradores para trocar o velho pelo novo perdia força no momento seguinte, mas voltava com mais vigor nos períodos subseqüentes. Durante o século XX, o espírito ousado e a busca da modernização nunca se findaram por completo. Dessa forma, a contradição entre o antigo e o moderno seria um dos marcos fundamentais da identidade da cidade.⁷

No início da década de 1970, a capital concentrou o desenvolvimento industrial do Estado. A população passava de 693.328 para 1.235.030 de habitantes, tornando-se a terceira metrópole mais populosa do país. Sua região metropolitana, com 14 municípios, transformava-se no principal núcleo industrial mineiro. Com a renovação da estrutura urbana, o Centro da cidade ratificou a condição de pólo articulador de

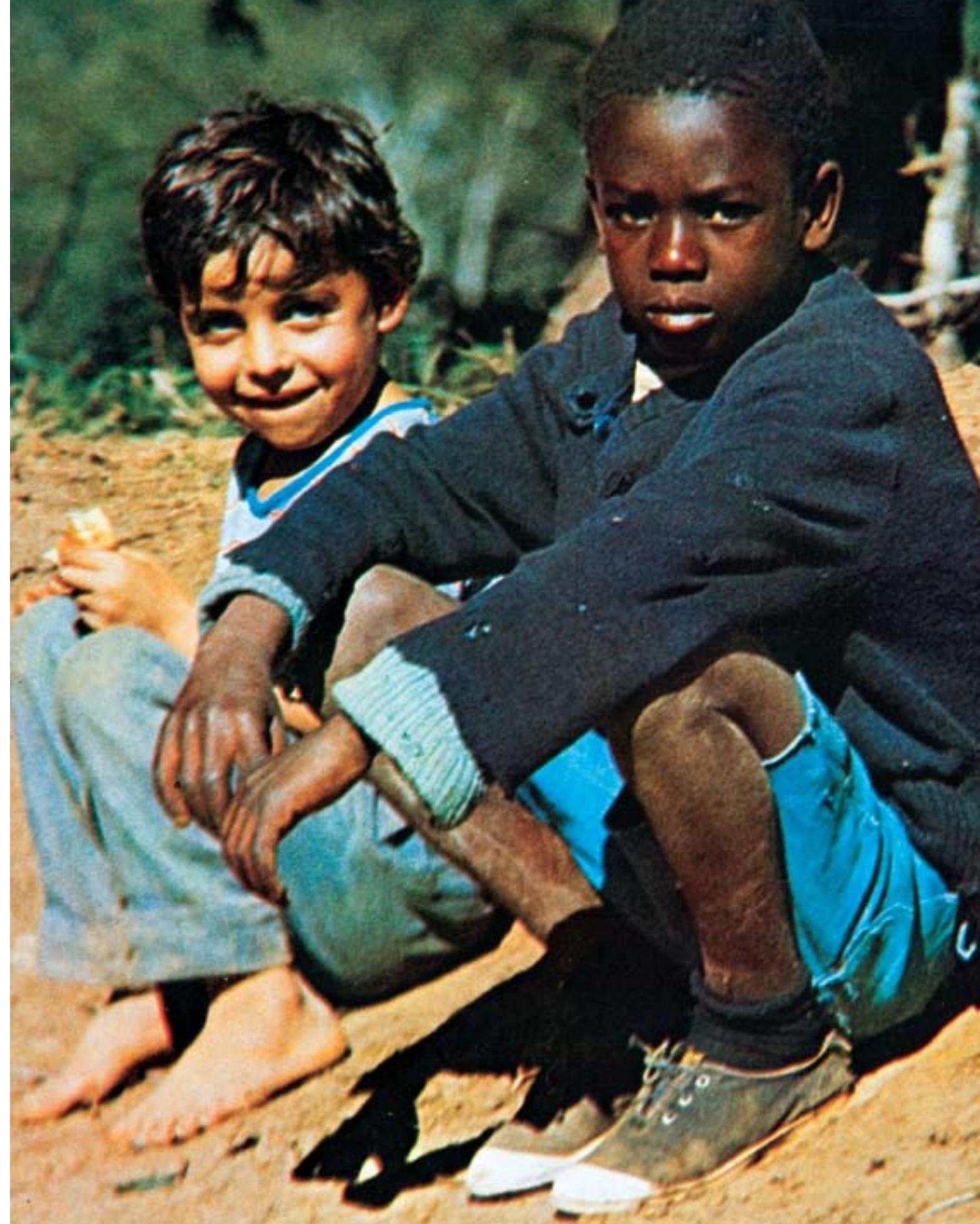
atividades políticas, sociais e econômicas. O aumento populacional foi favorecido pelo chamado “milagre econômico”, vivido pelo país à época. A grande maioria dos seus novos habitantes chegava dos mais distantes pontos do interior mineiro, intensificando ainda mais o deslocamento migratório em direção à capital mineira.⁸

A expansão da cidade se deu também em função da ampliação do seu espaço físico. Em termos habitacionais, a construção vertical e a formação de centros comerciais avançavam sobre bairros como Santa Tereza, Barro Preto, Barroca e a região da Savassi. As favelas e os loteamentos clandestinos, problemas antigos na cidade, ganhavam uma visibilidade incontestável. Nos anos 1970, as alterações do traçado viário foram uma constante. Para tentar equacionar o problema do congestionamento na região central, foram abertas as vias expressas Norte e Leste-Oeste, o elevado Castelo Branco e os viadutos da Lagoinha.⁹

Do plano inicial que orientou a construção da cidade, apenas o traçado retilíneo de suas ruas, cruzadas em ângulos retos e formando grandes tabuleiros de xadrez, permaneceu inalterável. Ao longo do século XX, a história da cidade – projetada em oposição a uma Ouro Preto politicamente ameaçada pelo divisionismo dos grupos dominantes – pode ser contada através das esquinas que compõem o peculiar traçado de suas ruas.¹⁰ Essas esquinas seriam as grandes testemunhas não apenas do sonho inaugural da cidade, mas também da aventura republicana que conferiu à capital mineira uma topografia visionária. Através da visada proporcionada pelas esquinas, alguns olhares desafiavam o tempo e o espaço. Olhar como o de Nelson Angelo, que, em meio aos versos da canção “Pessoas”, de 1972, procura

Uma sensação para as pessoas da cidade
Que não podem respirar¹¹

Detalhe da capa do álbum duplo *Clube da Esquina*, de Milton Nascimento e Lô Borges. EMI/Odeon, 1972. Coleção particular.



Lutando contra o risco do rompimento definitivo dos laços de sociabilidade urbana – ameaça que recai sobre a cidade e sufoca os fragmentos de um mundo público ofuscado pelo efêmero, à mercê do transitório e, portanto, em vias de desaparecimento –, o compositor do Clube da Esquina, propõe

Uma discussão com as pessoas da cidade
Que não cansam de matar.¹²

Ao tentar decifrar a fisionomia urbana, Nelson Angelo se lança ao desafio de imaginar algo novo, que vai além dos limites físicos estabelecidos por uma realidade insatisfatória. Seu propósito, como afirma o próprio compositor nos versos da mesma canção, seria

Uma relação com as pessoas da cidade
Ser feliz e nada mais.

O caminho proposto pela canção para reinventar a cidade enquanto *polis* passa diretamente pela relação entre as pessoas que a habitam. Para tanto, é preciso fazer dela novamente um lugar da interação e do consenso entre opiniões, visões de mundo e culturas em muitos casos antagônicas. Dessa forma, a cidade passaria a ser um espaço próprio para o diálogo e a pluralidade de idéias. Caminho no qual se unem experiências históricas diversas em torno de cidades inventadas pela criatividade de homens que se serviram da canção popular em benefício da construção de uma vida melhor e mais humana.

Os compositores do Clube da Esquina iniciam seus primeiros encontros no momento em que a vida social da capital ganhava maior complexidade. O crescimento urbano condicionava deslocamentos espaciais e práticas sociais. Como em gerações anteriores, a juventude inventava o seu percurso próprio em meio aos bares, livrarias, cinemas entre outros espaços culturais. Mais uma vez a rua da Bahia não poderia ficar de fora do mapa afetivo da cidade, criado

pelos jovens ávidos por vivenciar novos encontros, experiências, intercâmbios e idéias. Para o escritor Afonso Romano de Sant’Anna, em Belo Horizonte, “a revolução se socializava nos bares”.¹³ Em especial, na galeria do Edifício Maletta, uma espécie de espaço-síntese dos anos 1960, que serviu como ponto de referência para novas atitudes e práticas sociais.

Pontos de encontros

No espaço urbano, os bares se tornam ambientes propícios para reuniões, discussões e o livre curso das idéias. Locais de sociabilidade suspeita, sempre constituem foco de insubmissão, com forte propensão para a subversão. Inaugurado em 1961, o Conjunto Arcangelo Maletta, localizado em uma das mais movimentadas esquinas da cidade – entre a rua da Bahia e avenida Augusto de Lima –, foi um dos espaços em que se consolidou a relação entre a tradição cultural e a vida política no período. Por exemplo: um dos grandes acontecimentos sociais que marcaram época, em Belo Horizonte, nessa ocasião, foi a inauguração das escadas rolantes, no *hall* de entrada do edifício. Durante anos, seus moradores se gabaram por serem os únicos, em todo o Estado, a possuírem, em seu prédio, esse tipo de comodidade.

A galeria do Maletta tornou-se ponto de encontro de adeptos das mais diversas atividades intelectuais e artísticas: cinema, teatro, música, literatura. Seus frequentadores mais assíduos – artistas, jornalistas, intelectuais e estudantes – se reuniam nas livrarias, sebos, inferninhos e bares como Pelicano, Lua Nova, Sagarana, Cantina do Lucas. Nos anos 1960, também funcionou nesse local o Berimbau Club, uma casa de espetáculos famosa por realizar shows de jazz e bossa nova.¹⁴

Porém, a partir de 1964, o regime militar passou a coibir o ativismo político e cultural, interferindo no

cotidiano da cidade e do país por meio da censura e da perseguição aos opositores do governo. Embora a maioria da população tenha apoiado o golpe contra o presidente João Goulart, em Belo Horizonte, como em todo o país, parte da sociedade reagiu como pôde aos desmandos da ditadura. Apesar de tudo, mesmo com a oposição que a cidade ofereceu ao regime militar, através da mobilização de estudantes, jornalistas, artistas, intelectuais, grupos católicos e organizações de esquerda, Belo Horizonte permaneceu no imaginário popular como um dos centros do tradicionalismo político.¹⁵

Diante de tantas transformações políticas, sociais e urbanísticas, o aparente ritmo de tranqüilidade que a cidade mantinha não escondia o clima de efervescência cultural que alimentava os sonhos de sua juventude. Nesse contexto, certas atitudes modernas dos jovens se confrontavam num embate de forças com o modo de vida tradicionalista da sociedade em geral.

Entre 1968, ano em que é decretado o Ato Institucional nº 5, até as primeiras movimentações em torno da abertura política iniciada com a campanha pela anistia aos presos políticos, em 1979, a ditadura militar transforma as cidades em espaços a serem temidos. Diante da impossibilidade do convívio harmônico na política, a liberdade cede lugar à melancolia, “paixão subjacente ao mundo totalitário”, estado paralisador caracterizado pela incapacidade de reflexão e habitado pela dúvida, onde “nenhuma ação tem valor de desenlace”.¹⁶ Tempos em que o perigo rondava as cidades, transformando qualquer caminho em uma verdadeira cruzada. Das esquinas de Belo Horizonte, Tavinho Moura e Márcio Borges observam, em 1979 – momento em que grande parte da população brasileira retorna às ruas para reivindicar a abertura do regime político –, um país onde o sonho se torna mais uma vez irmão da ação política:

Não sei andar sozinho
Por essas ruas
Sei do perigo, que nos rodeia
Pelos caminhos
Não há sinal de sol
Mas tudo me acalma
No seu olhar.¹⁷

Apesar do medo e da insegurança vividos nos centros urbanos em tempos de ditadura militar, é na cidade que se revela o valor de nossas ações. Para Renato Lessa, “repúblicas exigem energias cívicas mais do que ordinárias e concentradas espacialmente em um cenário capaz de abrigar diversidade, complexidade e certa confusão. O léxico humano deu a tais cenários o nome de cidades”.¹⁸ Nesse cenário conturbado, o Clube da Esquina canta uma única certeza:

Não quero ter mais sangue
Morto nas veias
Quero o abrigo do teu abraço
Que me incendeia
Não há sinal de cais
Mas tudo me acalma
No teu olhar.¹⁹

Habitar significa “conquistar-se, construir-se, compreender-se, tomar posse de si”.²⁰ Ou seja, somente é possível habitar um lugar com o qual nos identificamos. Ao reivindicar a cidade, enquanto espaço da liberdade e do empenho humano, o Clube da Esquina visa à reabertura do mundo público, a fim de possibilitar a reconciliação do cidadão com a cidade. Para que isso aconteça, é preciso que o indivíduo reconheça o seu lugar dentro de uma tradição capaz de oferecer identidade ao corpo social. Identidade que é construída ao longo da história, desde seu instante inaugural até o momento presente. Linha de continuidade entre as gerações que viabiliza o estabelecimento de relações sociais baseadas no

reconhecimento de si mesmo e do outro.²¹

Dessa maneira, os jovens compositores trilharam um caminho construído em torno da experiência da amizade em que foi possível vislumbrar novas perspectivas para os impasses vividos não apenas em Belo Horizonte, mas também em todo o país. Na cidade, não há lugar mais propício para iniciar uma nova amizade do que as esquinas.

A presença delas talvez seja a característica mais importante do traçado urbano de Belo Horizonte, figurando no imaginário popular de seus habitantes há várias gerações. Definido pelo cruzamento entre ruas e avenidas dispostas em ângulos de 90° e 45°, o traçado da cidade oferece ao passante uma maior percepção dos monumentos cívicos da cidade, assim como uma visada privilegiada que chama a atenção de seus habitantes para os espaços de convivência social. Da mesma forma, a largura das avenidas, bem maiores que o necessário para a circulação dos habitantes da capital à época de sua fundação, afirmam a propensão da cidade em relação ao futuro.²²

Mais que pura paisagem urbana, a esquina é o ponto da cidade que se define pela primazia dos encontros. Para um olhar mais atento, porém, ela ganha outros significados, principalmente em Belo Horizonte. Geralmente quem se encontra em uma esquina, assim como em uma encruzilhada, está também diante do desconhecido, onde a Fortuna se impõe com mais força. Para quem precisa tomar uma decisão ou buscar um novo rumo, a esquina convida a uma pausa para reflexão, antes de seguir o caminho escolhido. Ela exige também atenção e vigilância, pois é um lugar propício para surpresas.²³ Ao mergulharmos no mundo das contingências aberto por uma esquina, podemos nos achar também diante de vários encontros, como o que ocorre nos versos da canção “Tesouro da juventude”, composta em 1981 por Tavinho Moura e Murilo Antunes:

A pedalar
Encontro amigo do peito
Sentado na esquina
Pula, pega garupa
Segura o bonde ladeira acima
Ganha o meu tesouro da juventude
Ainda que a cidade anoiteça
Ou desapareça.²⁴

Utilizando uma poética simples, porém lírica, como a fala do dia-a-dia urbano e a própria cena descrita pela canção, realçada pela interpretação de Beto Guedes, os compositores captam algumas das surpresas que as esquinas podem oferecer aos habitantes da cidade, principalmente aos interessados em descobri-la e vivê-la em toda a sua pluralidade. Belo Horizonte sempre foi conhecida como a “cidade das esquinas”. Na capital mineira, elas seriam o cenário propício para uma infinidade de encontros, fator primordial para o fortalecimento das relações sociais.

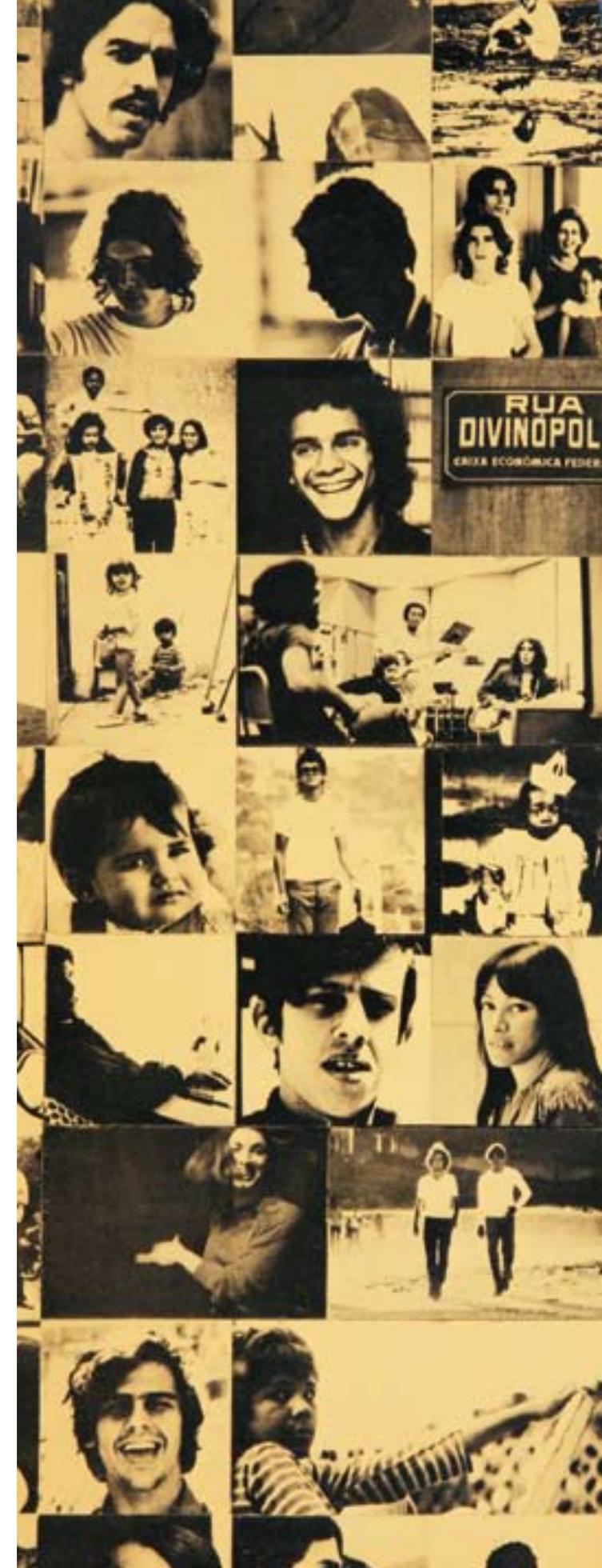
Amizade

A principal das relações sociais seria a amizade. Segundo a tradição greco-romana, a relação entre amigos é praticada por indivíduos livres e voltados para a defesa do bem comum a ser compartilhado por todos. Essa prática seria uma característica a ser cultivada entre aqueles que se unem com o objetivo do “bem fazer recíproco”. Ou seja, a amizade pensada não apenas como fenômeno da vida privada, mas como experiência voltada para a promoção e o fortalecimento dos laços sociais, constitui uma alternativa à ruptura da sociabilidade urbana e ao esvaziamento da esfera pública. A amizade representa, portanto, uma nova chance para a recuperação do valor da política dentro de uma comunidade, principalmente em um período histórico marcado pelo declínio da liberdade, enquanto exercício da ação política.²⁵

Nesse sentido, o bem-querer vivido entre os amigos seria uma fonte permanente de resistência e luta conjunta contra as limitações a serem enfrentadas tanto por um indivíduo quanto pelo amigo possível. Em meio às dificuldades que o contexto político imprimia à vida daqueles jovens, a simples presença de um amigo era um evento a ser celebrado. Esse é o caso da canção “Que bom amigo”, faixa na qual Milton Nascimento encerra, em tom de celebração, o disco *Clube da Esquina II*, de 1978:

Que bom amigo
Poder saber outra vez que estás comigo
Dizer com certeza outra vez a palavra amigo
Se bem que isso nunca deixou de ser
Que bom amigo
Poder dizer o seu nome a toda hora
A toda gente
Sentir que tu sabes
Que estou pro que der contigo.²⁶

Frente aos infortúnios da vida, a boa companhia de um amigo traz a força necessária para agir perante os “maus encontros”. Diante da Fortuna, mesmo a mais firme das comunidades políticas pode sucumbir aos seus efeitos, pois a “deusa da roda” também encontra abrigo no interior da *res publica*. Desde o mundo antigo, essa deusa é conhecida como “a senhora do acaso e da contingência”. É justamente na esquina que os acontecimentos fortuitos, bem como o imprevisto e a incerteza, se manifestam com maior frequência. Se a deusa pagã está presente em cada esquina, a amizade representaria o “bom encontro”, pois propicia aos seres livres o fortalecimento das relações sociais em que estão inseridos. A *polis* seria o lugar de encontro entre a amizade e a liberdade, valores simetricamente opostos à tirania e à servidão. Seguindo este raciocínio, o tirano não teria amigos, mas cúmplices. Ele viveria do medo até que a desconfiança e o silêncio se imponham absolutamente. A amizade, ao contrário, teria a



capacidade de fazer da cidade o lugar do diálogo, da festa cívica, enfim, da troca de experiências comuns.²⁷

Para a maioria dos imigrantes que chegaram a Belo Horizonte, como é o caso de grande parte dos integrantes do Clube, as esquinas se configuram como possibilidade de encontro com o outro, com o diferente e também consigo mesmo. Esses encontros ocorrem fundamentalmente no espaço público, já que a amizade não seria um sentimento exclusivo da esfera privada, que aproxima duas ou mais pessoas. Ao contrário, desde os tempos de Aristóteles, a amizade – a *philia* para os gregos – seria uma “disposição do caráter” que leva os cidadãos a agirem uns pelos outros em benefício de todos. A consequência dessa relação seria o fortalecimento do espírito associativo entre os cidadãos e a consequente construção do bem comum.²⁸

Desse modo, a amizade, quando experimentada na sua dimensão pública, é capaz de iluminar a ação política. Assim como acontecia na Antiguidade, ainda agora ela pode fazer com que os amigos voltem suas atenções também para as diversas formas de relação a serem estabelecidas na cidade e com a cidade. Para Francisco Ortega, durante a Antiguidade, a amizade possuía uma função essencial na organização da *polis*. Porém, com o passar do tempo, seu caráter político e social foi desaparecendo progressivamente do espaço público. A relação entre amigos foi deslocada para a esfera privada. O autor afirma que “o declínio da amizade nas sociedades contemporâneas está ligado aos processos de despolitização e familiarização do privado”.²⁹

O respeito à cidade – enquanto esse espaço comum a todos –, ao outro e a sua diferença seria um dos traços fundamentais em uma relação de amizade, não cabendo nela nenhum tipo de unanimidade ou adesão incondicional. Segundo o protagonista de *O amanuense Belmiro*, romance de Cyro dos Anjos, antigo conhecedor das esquinas da capital mineira:

[...] a amizade nunca foi, aliás, aquele sentimento integral a que aspiramos. Somos amigos fracionários, que buscamos um no outro, não o indivíduo, mas certo aspecto dele. Faz-me isto pensar que, no geral, os amigos não nos vêem como a um ser indiviso, mas ao contrário, nos fragmentam. Elegem, em nós, as feições que lhes aprazem; procuram-nos em um ângulo, às vezes em uma linha, ou mesmo em um ponto apenas. E está aí, porventura, a explicação do fato de nos unirmos a pessoa de caracteres tão diversos e de nossa roda ser quase sempre heterogênea. São partes nossas que se unem por simpatia às de outros seres, embora haja umas que se repilam, ocorrendo, então um conflito em que prevaleceram as partes simpáticas.³⁰

Como o amanuense Belmiro, um verdadeiro amigo não procura anular as diferenças em relação ao outro; ao contrário, busca criar um consenso entre idéias e opiniões contrárias. O contato com um amigo deve ser um desafio capaz de modificar a nós mesmos em um processo de autotransformação e aperfeiçoamento. Isso porque a amizade se baseia na tolerância, na coexistência de diferenças culturais, políticas e sociais e no reconhecimento da estranheza do outro.³¹ Nas palavras de Toninho Horta, essa seria a essência da sua relação com Beto Guedes e Lô Borges:

Eu morava no mesmo prédio que o Beto, na rua Tupis. Dava uns 40 metros de uma portaria pra outra. Morava no segundo e o Beto no nono andar. O Beto sempre encontrava com o Lô Borges, aí eu falava: “Ih! Aqueles roqueiros”. E ele olhava pra mim com o violão, falava: “Ih! Aquele cara do jazz, da bossa nova, não está com nada”. Mas acabou que no festival nós nos encontramos, em 1969. Aí todo mundo virou amigo.³²

Herdeiros d’O *Amanuense Belmiro* (1937), o “procurador de amigos”, e do *Encontro Marcado* (1956), romance de Fernando Sabino, os integrantes do Clube da Esquina se deparam nas esquinas de Belo Horizonte com uma espécie de entrecruzamento de tempos. “Esquinas dos acontecimentos”, diria Cyro dos Anjos, esquinas onde o passado cruza com o presente, espaço em que é possível encontrar, no tempo, certos princípios com os quais se poderia revitalizar a antiga fórmula da amizade, mais receptiva às diferenças, mais aberta ao outro e que se realiza fundamentalmente no espaço público, onde esse tipo de encontro acontece originalmente. Traduzindo aspirações diante dos impasses de seu tempo, o Clube da Esquina ergueu seu canto contra as restrições políticas e o conservadorismo que se fazia presente à época. Suas canções trilhavam novos caminhos, como os desvelados em “Amigo, amiga”, canção composta por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, em 1970:

Amigo, amiga procuro
Meu coração é deserto
Em busca de encontrar
Amigo, amiga ou um rio
E quem sabe um braço de mar.³³

Assim como nos romances de Cyro dos Anjos e Fernando Sabino, a amizade é um dos temas centrais em várias canções do Clube da Esquina. Poderíamos pensá-la também como a característica que estruturou a trajetória do grupo. Como foi dito anteriormente, muitos de seus integrantes vieram do interior. A constituição do Clube, em Belo Horizonte, se deu a partir do encontro desses jovens imigrantes, que descobriram na música e na amizade um motivo para se reunirem. Contudo, eles não trouxeram consigo apenas as influências musicais que seriam fundidas na síntese aberta e original realizada no Clube da Esquina. Cada um de seus integrantes trouxe para a capital mineira, por meio de referências históricas e culturais

particulares, também um pouco de sua cidade natal. O que fez de Belo Horizonte uma cidade múltipla, na qual os lugares de onde partiram tais viajantes – Três Pontas, Montes Claros, Pedra Azul, Juiz de Fora, Ponte Nova, Caldas, Diamantina, Niterói, entre outras – se avizinham subitamente pelos caminhos do sonho e do som.

Espaço público, política e participação

Se tomarmos como referência a simbologia dos antigos clubes e agremiações republicanas, veremos que esses se organizavam segundo o princípio da defesa e propagação de interesses comuns, tendo como propósito a idéia cívica do bem público. Nos séculos XVIII e XIX, a reunião de cidadãos em clubes se torna freqüente, principalmente na Inglaterra e nos EUA, disseminando nas cidades valores como liberdade, tolerância e participação, assumindo um caráter político de cunho democrático. No início do século XIX, os clubes políticos se tornam característicos dos centros urbanos, e por meio deles os imigrantes, recém-chegados a cidades como Londres, eram integrados com maior facilidade à sociedade. Nos EUA, esses clubes ganham o aspecto de pequenos parlamentos, agregando membros de diferentes classes sociais, desenvolvendo em seus integrantes uma disposição para participar da vida pública.³⁴

Em termos associativos, o conceito de amizade ganha um significado especial. Voltando à tradição greco-romana, o termo amizade, em seu sentido amplo – *philia* –, designa qualquer tipo de vínculo, aliança e manifestação associativa. Baseada na ação voluntária, a amizade perfeita – *téléia philia* – ilumina a reflexão política, pois tem como fundamentos a virtude, a confiança mútua e a disposição para realizar o bem comum. Esses seriam os princípios segundo os quais poderíamos mediar a excelência de uma

determinada associação, posto que uma amizade não se funda na utilidade ou no prazer. Os verdadeiros amigos se procuram em razão de si mesmos, e não nas vantagens ou benefícios que a presença do outro venha proporcionar. Nesse sentido, a amizade perfeita nada mais é que a amizade virtuosa, aquela que leva as pessoas a direcionar suas atenções para o mundo público.³⁵ Nesse sentido, o clube liderado por Milton Nascimento fez da esquina a sua sede natural:

Noite chegou outra vez
De novo na esquina os homens estão
Todos se acham mortais
Dividem a noite, a lua, até solidão
Neste clube a gente sozinha se vê
Pela última vez.³⁶

A canção “Clube da Esquina”, composta por Márcio Borges, Milton Nascimento e Lô Borges, foi gravada em 1970, dois anos após o AI-5, durante o período de maior repressão exercida pelo governo militar. Nesse clima de perseguições e de “desaparecimento” daqueles que ousaram, de uma maneira ou de outra, se opor à ditadura, entregar-se ao mundo público significava correr riscos. No entanto, em um contexto dominado pelo arbítrio, somente é livre quem está disposto a arriscar a vida. A coragem, além da amizade, seria uma das mais antigas virtudes políticas, sem a qual ninguém se distanciaria da vida privada para a aventura da liberdade. Em contrapartida, sujeito nenhum conseguiria agir no mundo público sem a companhia de amigos dignos de confiança. Para conquistá-los, é preciso aceitar o encontro com o outro e o convívio com a diferença.³⁷

Durante a década de 1970, as canções do Clube da Esquina convidaram os habitantes do país a voltar suas atenções novamente para as esquinas, espaço físico e imaginário onde se realiza o encontro entre a cidade e o cidadão, entre uma realidade insuficiente e

a possibilidade de recriar um novo país. Esquinas que se abrem para uma dimensão cívica voltada para a defesa de valores, como a ética e a liberdade, a serem compartilhados por uma comunidade política que ainda não havia encontrado lugar no presente. Porém, o primeiro passo necessário para a sua realização já havia sido dado: habitar novamente a cidade, lugar da constituição de um viver comum. Para tanto, bastava apenas comparecer ao encontro com o mundo público, como é proposto pelos compositores na canção:

Perto da noite estou
O rumo encontro nas pedras
Encontro de vez
Um grande país eu espero
Espero do fundo da noite chegar
Mas agora eu quero tomar suas mãos
Vou buscá-la onde for
Venha até a esquina
Você não conhece o futuro que tenho nas mãos.³⁸

Diante das restrições à liberdade impostas pelo regime militar, a que se somou a crise que ameaça a cidade enquanto *locus* da ação política, o Clube da Esquina se lançou à procura da criação de uma nova maneira de agir e pensar as relações sociais, baseada na amizade enquanto “dimensão da convivência humana, onde há boa educação, leis justas e cidadãos virtuosos”.³⁹

A cidade, por sua vez, passou a ser não apenas o ponto de partida para a busca de uma vida melhor, voltada para o desenvolvimento das potencialidades humanas, mas também o lugar próprio de realização de seus sonhos e fantasias.

Notas |

1. BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.13.
2. VILELA, Ivan. *Uma nova perspectiva musical*. Disponível em: <www.museclubedaesquina.org.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

3. BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem*: histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

4. Depoimento de Nelson Angelo. Disponível em: <www.museclubedaesquina.org.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

5. BRANT, Fernando. Lugar de encontro. In: MUSEU CLUBE DA ESQUINA. *Guia de Belo Horizonte*: roteiro Clube da Esquina. Belo Horizonte: [s. n.], 2006. p. 14.

6. STARLING, Heloisa. *Os senhores das Gerais*: os novos inconfidentes e o golpe de 1964. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. CASTRO, Maria C. P. S. *Longe é um lugar que não existe mais*: um estudo sobre as relações entre comunicação, sociabilidade e política em Belo Horizonte, nos anos 70. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994.

7. PIMENTEL, Thais. V. C. Belo Horizonte ou o estigma da cidade moderna. *Vária História*, Belo Horizonte, n. 18, p. 61-66, setembro 1997.

8. CASTRO. *Longe é um lugar que não existe mais*.

9. CASTRIOTA, L. B. (Org.). *A arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

10. PEREIRA, Renata. B. *Arquitetura das esquinas de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PUC Campinas, Campinas, 2000.

11. ANGELO, Nelson. Pessoas. In: ANGELO, Nelson; JOYCE. *Nelson Angelo e Joyce*. Rio de Janeiro: EMI, 1972.

12. ANGELO. Pessoas.

13. SANT'ANNA, Afonso Romano de. *O encontro desmarcado*. Apud LEMOS, Celina. B. *Determinação do espaço urbano*: a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.

14. WERNECK, Humberto. *Desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

15. STARLING. *Os senhores das Gerais*.

16. BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo Brasiliense, 1985.

17. MOURA, Tavinho; BORGES, Márcio. Cruzada. In: GUEDES, Beto. *Sol de primavera*. Rio de Janeiro: EMI, 1979.

18. LESSA, Renato. As cidades e as oligarquias do antiurbanismo da elite política da primeira república brasileira. *Revista USP*, São Paulo, Ed. USP, n. 59, p. 87, 2003.

19. MOURA, Tavinho; BORGES, Márcio. Cruzada. In: _____. *Sol de primavera*. Rio de Janeiro: EMI, 1979.

20. BRANDÃO. Carlos Antônio Leite. O estado e as cidades como lugar do diálogo. *Outro Olhar*, Belo Horizonte, ano II, n. 2, p. 10, novembro 2002.

21. BRANDÃO. *As cidades da cidade*.

22. BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A “modernidade fraca” das esquinas de Belo Horizonte e Cyro dos Anjos*. (Mimeo.)

23. CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

24. ANTUNES, Murilo; MOURA, Tavinho. Tesouro da juventude. In: GUEDES, Beto. *Contos da lua vaga*. Rio de Janeiro: EMI, 1981.

25. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. ORTEGA, Fernando. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

26. NASCIMENTO, Milton. Que bom amigo. In: NASCIMENTO, Milton. *Clube da Esquina II*. Rio de Janeiro: EMI, 1978.

27. LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1987. MATOS, Olgária. Ethos e amizade: a morada do homem. In: DOMINGUES, Ivan. (Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

28. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*.

29. ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 15.

30. ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 14-15.

31. ORTEGA, Fernando. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

32. MUSEU CLUBE DA ESQUINA. *Guia de Belo Horizonte*: roteiro Clube da Esquina. Belo Horizonte: [s. n.], 2006. p. 42.

33. BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton. Amigo, amiga. In: NASCIMENTO, Milton. *Milton*. Rio de Janeiro: EMI, 1970.

34. TOCQUEVILLE, Aléxis de. *Democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

35. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. CARDOSO, Sérgio. Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne. In: CARDOSO, Sérgio. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

36. BORGES, Lô; NASCIMENTO, Milton; BORGES, Márcio. Clube da Esquina. In: NASCIMENTO, Milton. *Milton*. Rio de Janeiro: EMI, 1970.

37. ORTEGA. *Para uma política da amizade*.

38. BORGES, Lô; NASCIMENTO, Milton; BORGES, Márcio. Clube da Esquina. In: _____. *Milton*. Rio de Janeiro: EMI, 1970.

39. MATOS. Ethos e amizade, p. 63.

Bruno Viveiros Martins é mestre em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador do *Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória* e do *Projeto Arquitetura, Humanismo e República*. Atua como produtor e apresentador do programa *Decantando a república: diálogos em prosa, verso e melodia*, da Rádio UFMG Educativa 104,5 FM.